Ontologia da angústia e coragem em Paul Tillich

Henrique Nilo da Silva*

RESUMO

Nossa proposta para o *GT6 Paul Tillich*, constitui-se em uma breve análise teórica-bibliográfica da ontologia da angústia e coragem que Paul Tillich desenvolveu em sua obra *A Coragem de Ser* (1952). Em diálogo interdisciplinar com a *Tiefenpsychologie* e psicanálise, investiga a situação existencial humana. Para apresentarmos a ontologia tillichiana utilizaremos três de suas preleções nas conferências pronunciadas na Yale University, organizadas no texto de 1952: *Ser e Coragem*; *Ser, Não-Ser e Angústia*; e *Angústia Patológica, Vitalidade e Coragem*. Em cada sessão apresentaremos o pensamento do autor em diálogo com textos de pesquisadores e estudiosos da religião. Primeiramente, mostraremos o percurso filosófico que o autor faz para chegar em seu conceito de coragem como “autoafirmação” apesar da finitude, alienação e neuroses. Depois, apresentaremos o esforço da ontologia tillichiana de compreender as principais questões existenciais do homem moderno e contemporâneo. Por fim, analisar o estado de confusão da teoria psicoterapêutica da angústia que não diferencia a angústia existencial da patológica. Destarte, ressaltando que a análise ontológica é um material para a psicologia formular uma teoria consistente e prática eficiente. Consequentemente, destacamos a contribuição da ontologia da angústia e coragem tillichiana para a psicologia e os estudos de religião.

Palavras-Chave: Paul Tillich; *A Coragem de Ser*; Angústia Existencial; Auto-afirmação.

* Possui graduação em Teologia pela Faculdade de Ciências, Educação e Teologia do Norte do Brasil (2012) e graduação em Filosofia pela Universidade Iguazu (2013). É mestrando em Ciências da Religião na Pontifícia Universidade Católica de Campinas (PUC-C). E-mail: henriquenilodasilva@gmail.com.

ONTOLOGY OF ANGUISH AND COURAGE IN PAUL TILlich

ABSTRACT

The paper proposal for the *GT6 Paul Tillich* constitutes on a brief theoretical-bibliographic analysis of the ontology of anguish and courage developed by Paul Tillich in *The Courage to Be* (1952). In interdisciplinary dialogue with *Tiefenpsychologie* and psychoanalysis, Tillich investigates the human existential situation. In order to present tillichian ontology, there will be used three of his lectures given as conferences at Yale University in 1952: *Being and Courage*; *Being, Non-Being and Anguish*; and *Pathological Anguish, Vitality and Courage*. For each session we will present the author's thought in dialogue with researchers and scholars of religion. We will show Tillich's philosophical path to arrive at the concept of courage as "self-affirmation" despite finitude, alienation, and neuroses. Then, we will present the effort of tillichian ontology to understand the main existential issues of modern and contemporary man. Finally, to analyze the state of confusion of the psychotherapeutic theory of anguish that does not differentiate existential anguish from pathological. Thus, emphasizing that ontological analysis is a material for psychology to formulate a consistent theory and efficient practice. Consequently, we highlight the contribution of ontology of tillichian anguish and courage to psychology and religion studies.

Keywords: Paul Tillich; The Courage to Be; Existential Anguish; Self-affirmation.

Introdução

Este texto constitui-se em uma breve análise da ontologia da angústia e coragem que Tillich desenvolveu em sua obra *A Coragem de Ser*. Em diálogo interdisciplinar com a *Tiefenpsychologie*¹ e a psicanálise investiga a situação existencial humana pelos conceitos "a ameaça do não-ser", "as três formas da angústia" (morte, culpa e insignificação) e "a coragem de ser" como autoafirmação. Para apresentarmos a ontologia tillichiana, vamos utilizar três de suas preleções nas conferências pronunciadas na Yale University, publicadas em 1952: i) *Ser e Coragem*; ii) *Ser, Não-Ser e Angústia*; iii) *Angústia Patológica, Vitalidade e Coragem*. Estas preleções convergem problemas teológicos, psicológicos, sociológicos e filosóficos

¹ Termo alemão que significa "psicologia profunda ou de profundidade".

por meio do conceito de coragem à luz da religião e ciência. Nessa obra, o teólogo apresenta o *estado da arte*² da problemática da coragem, fazendo uma retrospectiva histórica do pensamento ocidental. Entende que a angústia básica é a situação problema que leva o ser humano à coragem existencial. Com o conceito de coragem como “autoafirmação” apesar da finitude, alienação e neuroses, Tillich quer compreender as principais questões existenciais do homem moderno e contemporâneo. Por não diferenciar a angústia existencial da patológica, a teoria psicoterapêutica da angústia se encontra em um estado de confusão. No entanto, Tillich afirma que a angústia neurótica não é a angústia existencial e sugere um diálogo interdisciplinar entre as diversas áreas das ciências humanas, com a finalidade de chegar em um consenso.

Para o teólogo, a coragem é um conceito que possui significativa utilidade para analisar a condição humana. Entende que a “coragem é uma realidade ética, mas se enraíza em toda a extensão da existência humana e basicamente na estrutura do próprio ser” (TILLICH, 2001, p. 1). Todo esforço de compreender a categoria coragem pressupõe simultaneamente compreender o homem, seu mundo e seus valores. O aspecto ético e ontológico da natureza da coragem está imbricado na natureza do ser. A investigação do conceito de coragem revela o que é o ser. Desse modo, “a coragem de ser” é a expressão ética do indivíduo que afirma seu próprio ser apesar dos elementos da existência que conflitam com sua “autoafirmação essencial” (TILLICH, 2001, p. 3). Cumpramos ressaltar que desde a antiguidade o conceito de coragem faz parte da nossa cultura ocidental. Na Idade Média, o conceito pagão de coragem foi associado a amor, fé e esperança. Deste modo, os princípios do humanismo clássico passaram a integrar a cultura cristã, que em seu desenvolvimento pretendia tornar-se universal. Contudo, foi na doutrina de Ambrósio e Tomás de Aquino que a coragem se tornou uma virtude indistinguível da fé e da esperança (TILLICH, 2001, p.7).

Diante do exposto, observamos que a ontologia da angústia e da coragem pensada por Tillich, é uma temática que interessa tanto aos estudos de religião, teologia e psicologia. Enfatiza o diálogo entre a

² É comum seu emprego na literatura acadêmica para se referir aos resultados acumulados, ao consenso acadêmico e às áreas que ainda devem ser desenvolvidas sobre um determinado tópico.

psicologia e a teologia frente à realidade psicológica da “ameaça do não-ser”, manifestações da “angústia” e “autoafirmação”. Portanto, as questões da finitude, culpa e falta de sentido enfrentadas pela consciência humana, são temas que atravessam tanto as práticas da psicologia quanto o fenômeno religioso. Considerando as divergências epistemológicas e metodológicas que há entre os estudos teológicos e psicológicos, argumentamos que a proposta tillichiana pretende um diagnóstico abrangente e a possibilidade de pensar práticas de “cura”³ diante da situação psicológica do homem contemporâneo.

Primeira preleção: Ser e Coragem

Temos no capítulo *Ser e Coragem* o “estado da arte” do conceito coragem no pensamento ocidental. O teólogo faz uma retrospectiva histórica sem a pretensão de fazer uma história da noção de coragem. Seu empreendimento teve duplo propósito: mostrar a história do pensamento ocidental; e apresentar material conceitual para discutir sistematicamente o problema da coragem enquanto autoafirmação ontológica. Revisitando as concepções de Platão, Aristóteles e Tomás de Aquino, fez importante distinção etimológica dos termos. Considerando o contexto militarizado e democrático do mundo antigo, salientou que a expressão “coragem” não deve ser confundida com as expressões “valentia” e “bravura”. Isto porque a etimologia do termo “coragem”, vem do latim *cor* e *cordis*, isto é, coração. No alemão e no inglês a palavra coragem está associada a um estado de ânimo. Esta expressão também tem sua origem no latim, *anima* ou “sopro”. Com essas observações criteriosas, defende que a coragem está associada ao espírito (TILLICH, 2001, p. 5). Em sua interpretação sobre o pensamento estóico, evidencia a preponderância que teve a vida e a morte de Sócrates nesse movimento filosófico. Nas citações sobre Marco Aurélio, Sêneca e Epicteto, apresenta como a “coragem” passou a ser sinônimo de “sabedoria”. Os estóicos consideravam que a coragem era um problema ético e igualmente ontológico. Para Tillich, os neo-estoicos Spinoza e Nietzsche ofereceram conceitos

³ A palavra “cura” é empregada com a conotação de “equilíbrio emocional” conforme o texto de Pablo Dumer (DUMER, Pablo Fernando. *A Coragem como elemento de cura ontológica. Anais do Congresso Estadual de Teologia*. São Leopoldo: EST. v.2, p. 480-489, maio. 2015.).

como “potência”, “vontade de potência” e “auto-afirmação”, que são interessantes para entendermos ontologicamente a categoria coragem (TILLICH, 2001).

Partindo do problema socrático em *Laques* e em diálogo com pensadores clássicos recoloca a questão da coragem em perspectiva ontológica. Entende que a ontologia em alguma medida supera a polarização entre subjetividade e objetividade, porque se expressa de forma análoga. O ser como ser transcende essa polarização do conhecimento. Sem seu caráter análogo, a questão ontológica da experiência da coragem torna-se incompreensível. É um equívoco interpretar os conceitos ontológicos de maneira literal. A ontologia de algumas experiências tem a função de evidenciar certas características do próprio ser, que estão além da divisão entre sujeito e objeto. Para o teólogo, o tratamento sistemático do problema da coragem depende do material conceitual de uma retrospectiva histórica com suas interpretações. Em franco diálogo com esse material, é possível refletir sobre o conceito de autoafirmação ontológica com suas características básicas. Após percorrer este itinerário de Platão à Nietzsche, o teólogo interpretou o conceito de coragem como “autoafirmação” e “autorrealização”. Salienta, que é com a influência do pensamento spinoziano que elabora uma ontologia da coragem como autoafirmação. Afirmar que a autoafirmação é a natureza essencial de cada ser, sendo reconhecido como o bem mais elevado. Recordar, que para Spinoza, a autoafirmação é a participação na autoafirmação divina. Sendo assim, nosso teólogo afirma que “a coragem de ser” é a participação na autoafirmação do “*ser-em-si*”⁴ (TILLICH, 2001, p. 18).

Segundo Pablo Dumer (2017), a antropologia teológica de Paul Tillich caracteriza uma inovação na forma de fazer teologia na pós-modernidade. A descrição tillichiana do ser humano entre a angústia e a coragem é filosófica e destituída de aspectos confessionais e dogmáticos, oferecendo a oportunidade de um diálogo aberto entre a teologia e outros saberes. Para Tommy Goto (2011), o diálogo crítico com a “fenomenologia pura” de Husserl e a “fenomenologia hermenêutica” de Heidegger, levou Tillich a um método teológico próprio. Acrescenta que

⁴ O termo *ser-em-si* está associado ao discurso escolástico da natureza de Deus, problematizado em *O Ser e Deus* na parte 2 do primeiro volume da obra Teologia Sistemática de Paul Tillich (2005, p. 237-239).

a teologia de Paul Tillich é baseada em uma intuição fenomenológica que compreende em termos filosóficos a angústia e a coragem como desdobramento da experiência religiosa. Destacando que Paul Tillich foi um dos precursores do método fenomenológico na teologia⁵, observamos que as discussões sobre a estrutura da consciência e as questões existenciais (finitude, culpa e sentido) constitui-se uma ponte entre a teologia e a psicologia.

Segunda preleção: Ser, Não-Ser e Angústia

No capítulo *Ser, Não-Ser e Angústia* o teólogo faz uma definição ontológica da angústia, que é a grande questão que perpassa toda sua obra de 1952. Compreende que a coragem é “autoafirmação ‘a-despeito-de’, isto é, a despeito daquilo que tende a impedir o eu de se afirmar” (TILLICH, 2001, p. 25). Enfatiza que o “não-ser” como “a negação do ser” é tão importante quanto o “ser” como “a afirmação do ser”. Considerando a complexidade do “não-ser” enquanto conceito, cita uma lista de pensadores ocidentais⁶ que refletiram sobre a negação do ser. Em oposição aos lógicos que negam o caráter conceitual do “não-ser”, afirma que após o “ser-em-si” é o conteúdo mais importante. Pondera que somente em termos metafóricos é possível afirmar uma relação entre o “ser-em-si” e o “não-ser”. Nesse sentido, o “ser ‘abarca’ ele próprio e o não ser” (TILLICH, 2001, p. 27). Desse modo, na concepção tillichiana a coragem de ser é evidenciada quando cada ser finito em sua autoafirmação supera ou conquista o próprio não-ser.

Para Tillich, a ontologia da coragem é indissociável da ontologia da angústia, porque ambas são interdependentes. Afirma que a “angústia é a consciência existencial do não-ser”, isto é, “a consciência de que não-ser é uma parte do nosso próprio ser” (TILLICH, 2001, p. 28). Esta “consciência existencial” não é o conhecimento da finitude abstrata e alheia, mas a convicção da própria finitude (certeza da mortalidade) que

⁵ Para Filoramo & Prandi (1999), a influência da fenomenologia sobre a Teologia e às Ciências da Religião mostrou-se de duas maneiras: por um lado, pela Fenomenologia da Religião como uma disciplina particular; e por outro lado, como recurso metodológico para disciplinas como filosofia, história, antropologia, psicologia e a própria teologia.

⁶ Em sua lista menciona Parmênides, Demócrito, Platão, Aristóteles, Plotino, Agostinho, Pseudo-Dionísio, Jacob Boehme, Leibnitz, Hegel, Schelling, Schopenhauer, Bergson, Whitehead, Heidegger, Sartre e Berdiaev (TILLICH, 2001, p. 26).

é uma “angústia natural”. Em sua distinção entre o medo e a angústia, afirma que o medo “tem objeto definido” e pode ser enfrentado, porém a angústia “não tem objeto”. De forma paradoxal o objeto da angústia é a negação de qualquer objeto, “a própria ameaça” ou “o desconhecido”. O medo de morrer é um exemplo perfeito da relação imbricada entre medo e angústia. O medo é manifesto na antecipação do evento, ou seja, como isso vai acontecer, por doença, acidente, fatalidade ou ainda se vai sofrer e sentir dor. A angústia é o absolutamente desconhecido, o “depois da morte”, isto é, o não-ser que é assustador, “a ameaça do nada” (TILLICH, 2001, pp. 29, 30). Parafraseando a afirmação calvinista de que a mente humana é “uma fábrica permanente de ídolos”, afirma que a mente é “uma fábrica permanente de medos” (TILLICH, 2001, p. 31). Como mecanismo de defesa inconsciente, a mente procura transformar a “angústia básica” em medo. Isto porque o medo pode ser enfrentado e de certa forma também vencido, porém a “angústia básica” não pode ser vencida. Sublinha que a angústia de um ser finito ante “a ameaça do não-ser” não pode ser eliminada porque pertence à existência (TILLICH, 2001, p. 31).

O teólogo destaca que o conceito “não-ser” é dependente do “ser” por dois motivos: a prioridade do “ser” sobre o “não-ser”; a dependência das características que o ser apresenta. Em primeiro lugar, o “não-ser” só pode ser uma negação posterior daquilo que é uma afirmação anterior, isto é, “coisa nenhuma” só pode ser algo em contraste com “alguma coisa”. Em segundo lugar, considera que em si mesmo o “não-ser” não pode ser qualificado, mas como “a negação do ser” pode ser caracterizado por aquilo que nega (TILLICH, 2001, p. 31). Portanto, é possível pensar nas qualidades do “não-ser” e consequentemente da “angústia básica”. Sendo assim, a coragem só pode ser pensada em correlação com a angústia produzida pelo “não-ser”. Então, Tillich enfatiza que o não-ser ameaça o ser em três direções da autoafirmação: “ôntica” (ser ou existir), “noética” (espiritual ou sentido) e “moral” (ética). O não-ser ameaça a “autoafirmação ôntica” de modo relativo pelo “destino” e de modo absoluto pela “morte”. Por sua vez, a “autoafirmação espiritual” é ameaçada de modo relativo pela “vacuidade” e de modo absoluto pela “insignificação”. Por fim, o não-ser ameaça a “autoafirmação moral” de modo relativo pela “culpa” e modo absoluto pela “condenação”. Obser-

va que “a angústia do destino e da morte”, “a angústia da vacuidade e insignificância” e “a angústia da culpa e condenação” são indissociáveis, mas em cada indivíduo e contextos há uma das formas que predomina (TILLICH, 2001, p. 32).

Por colocar em xeque a nossa existência através da extinção biológica “a angústia do destino e da morte” é a mais básica, universal e inescapável. A investigação do teólogo sugere a possibilidade de uma coragem de ser que se afirme apesar da ameaça contra a autoafirmação ôntica (TILLICH, 2001, p. 35). Por sua vez, a autoafirmação espiritual também é ameaçada pelo não-ser que gera “a angústia da vacuidade e insignificância”. É a participação intencional na produção cultural de significado existencial que assegura a autoafirmação espiritual. Se não há a experiência da participação cultural no conteúdo que dá sentido à existência, prevalece a “vacuidade” e “insignificância” (TILLICH, 2001, p. 36). Devido à transformação do contexto histórico, social e econômico, o conteúdo da tradição religiosa perdeu o poder de oferecer sentido ao contexto atual. Com a perda do “centro espiritual” na cultura secularizada também se perde o sentido da vida espiritual (TILLICH, 2001, p. 37). Na reflexão tillichiana o “centro espiritual” tem papel fundamental na experiência da dimensão da profundidade no espírito humano (moral, cognitiva, estética, emoções etc.). O centro espiritual é análogo à “preocupação última” (*ultimate concern*⁷), que segundo o teólogo é a fonte da coragem suprema (TILLICH, 2014, p. 78). Assim sendo, assevera que a dificuldade dos antigos símbolos religiosos expressar a situação humana e responder às questões atuais deve ser considerada pela teologia contemporânea. É função da teologia conferir sentido encorajador diante da ameaça do não-ser, ressignificando os símbolos da tradição religiosa (TILLICH, 2001, pp. 38, 39). De acordo com a história da humanidade, a autoafirmação espiritual é de seriedade máxima. Em muitas ocasiões o ser humano prefere tirar a própria vida que suportar o desespero da falta de sentido. Por fim, como consequência da ameaça do não-ser

⁷ Preocupação última é a tradução abstrata do grande mandamento: “O Senhor, nosso Deus, é o único Senhor. Amarás, pois, o Senhor teu Deus de todo o teu coração, de toda a tua alma, de todo o teu entendimento e de toda a tua força” (Marcos 12. 29). A preocupação religiosa é última. Ela despoja todas as outras preocupações de uma significação última. Ela as transforma em preliminares (TILLICH, 2014, p. 29).

sobre a autoafirmação moral, “a angústia da culpa e condenação” afeta a existência humana. As escolhas baseadas na “liberdade finita” podem levar o indivíduo à realização ou ao extravio de sua essência, sendo exclusivamente responsável pelo seu destino. O não-ser que está no interior do ser gera uma incerteza profunda que se transforma em sentimento de culpa ou auto-rejeição plena. O sentimento de estar condenado é o desespero de ter perdido o próprio destino (TILLICH, 2001, p. 40). Há duas maneiras pelas quais a autoafirmação moral pode expressar-se: pela “desobediência” (anomismo) ou pelo “rigor moral” (legalismo). A autoafirmação moral é uma postura de coragem contra o não-ser, mas pode romper-se em desespero moral (TILLICH, 2001, p. 41). O teólogo problematiza a possibilidade de uma coragem de ser que supere o desespero moral e a auto-rejeição.

Em sua observação crítica sobre a história da civilização ocidental, Tillich argumenta que em cada período uma das três formas de angústia prevaleceu: no final da civilização antiga a angústia ôntica; no final da Idade Média foi a angústia moral; e no final do período moderno foi a angústia espiritual. Afirmou precisamente que as três formas de angústia existencial se manifestaram com mais intensidade no final de cada período. As três formas da angústia estão potencialmente presentes nos indivíduos, mas devido ao esfacelamento das estruturas de significação, poder, crença e ordem, a angústia tornou-se generalizada. Tillich enfatiza que os pressupostos sociológicos da angústia espiritual estão atrelados à queda do “absolutismo”, o progresso do “liberalismo e democracia” e a ascensão da “civilização técnica”. O teólogo observa que o homem contemporâneo experimenta a mesma “angústia da vacuidade e insignificância” que se iniciou na modernidade. Para ele, nosso período de angústia é o terceiro da história do mundo ocidental, caracterizado pela perda do sentido da existência (TILLICH, 2001, p. 47).

Para Thiago Kelm (2016), na sociedade capitalista atual as formas de angústia se tornam mais graves com a desumanização e a coisificação do ser humano. Na sociedade industrial as pessoas são reduzidas a “peças” ou “instrumentos” que servem como meios de produção e consumo. Com esse modelo econômico tão agressivo, as questões existenciais são banalizadas e as propostas de soluções constituem-se em um mercado cada vez mais apelativo, dificultando a coragem de “ser”

nesse mundo do “ter”. Semelhante aos estudos e análise tillichiana, devemos considerar seriamente o nosso contexto social nas discussões teológicas e psicológicas, porque as mudanças políticas, econômicas e científicas determinam a forma de pensar, sentir e agir. Não é possível uma análise consistente e coerente das manifestações emocionais, morais, cognitivas, estéticas e religiosas sem considerar as implicações do contexto cultural.

Terceira preleção: Angústia Patológica, Vitalidade e Coragem

No capítulo *Angústia Patológica, Vitalidade e Coragem* o teólogo trata da angústia não-existencial, isto é, a angústia neurótica. Em diálogo com a psicanálise mostra que os conflitos que geram os permanentes estágios de angústia podem ser conscientes, subconscientes ou inconscientes. Afirma que a teoria psicoterapêutica da angústia se encontra em confusão por não distinguir a angústia existencial da angústia patológica. Em sua definição, a angústia patológica é o fracasso em tomar com coragem a angústia sobre si. Na tentativa de evitar a situação extrema do desespero a psiquê desenvolve a neurose como mecanismo de defesa. O indivíduo em estado neurótico ao evitar o não-ser acaba evitando também o ser. Por causa da incapacidade de uma autoafirmação forte em relação à ameaça do não-ser, o “eu” afirmado é um “eu reduzido”. Grosso modo, a angústia patológica impede que a auto-afirmação atinja o máximo do seu potencial. Portanto, o que é afirmado é menos que seu ser essencial (TILLICH, 2001, p. 50, 51).

O teólogo revela que já na década de 50, a questão que mais se levantava era sobre a possibilidade de elementos neuróticos em todas as pessoas. Argumenta que a diferença entre uma mente sadia e a mente doente não é a quantidade de conflitos internos e, oferece uma distinção conceitual entre a personalidade neurótica e a comum. Para ele, a personalidade neurótica tem maior sensibilidade para a ameaça do não-ser e sua autoafirmação é limitada e irrealista. Observa também, que a personalidade comum costumeiramente não tem consciência do não-ser e sua autoafirmação é adequada à realidade (TILLICH, 2001, pp. 52, 53). O neurótico defensivamente retira-se para um “castelo imaginário” na tentativa de proteger-se da realidade. Por isso, carece de uma cura por causa do seu conflito com a realidade. Nosso teólogo

ressalta que as drásticas mudanças no final dos três períodos da história ocidental levaram ao fenômeno da “neurose de massa”. Neste fenômeno a “angústia existencial” misturou-se com a “angústia neurótica” (TILLICH, 2001, p. 54). Para o sucesso da cura da angústia patológica é necessário a união das faculdades teológicas e médicas. Sendo assim, tanto a psicoterapia quanto a psicanálise devem trabalhar conjuntamente com a teologia e o ministério. Sugere que uma análise ontológica da angústia existencial e patológica precisa ser feita por ministros teólogos e médicos psicoterapeutas. Pontua sobre a necessidade de as faculdades unirem-se em uma tarefa teórica sobre a doutrina do homem que sirva de base para a prática terapêutica e sacerdotal (TILLICH, 2001, p. 55). Por não ser restrita a seus representantes vocacionais, a prática sacerdotal pode se confundir com a prática médica (psicólogo). Obviamente que uma função não pode substituir a outra. Contudo, o trabalho em conjunto é mais efetivo para autoafirmação enquanto coragem de ser (TILLICH, 2001, p. 57).

Em sua análise da angústia existencial e patológica, Tillich considera que: a angústia existencial pode ser incorporada pela coragem; a angústia patológica é o fracasso de incorporar a angústia pela coragem; a angústia neurótica afeta a auto-afirmação, minimizando o eu a um comportamento defensivo e imaginativo; a angústia patológica defensivamente produz “segurança irrealística”, “perfeição irrealística” e “certeza irrealística”; a angústia existencial deve ser acompanhada pelo sacerdote e a angústia patológica deve ser acompanhada pelo psicólogo. Consequentemente, a união das duas faculdades deve cooperar para o ser humano alcançar a “autoafirmação plena” (TILLICH, 2001, p. 59). Ressalta que o caráter psicossomático da angústia e da coragem pressupõe um diálogo entre a psicologia e a biologia. Diante da ameaça do não-ser o medo e a angústia manifestam-se biologicamente como instinto de autopreservação. Ao reconhecer os sinais de perigo para a proteção e resistência, a autoafirmação biológica precisa equilibrar covardia e temeridade. Este exato equilíbrio de medo e coragem é expressão da vitalidade perfeita. Assim, a coragem de ser é proporcional à quantia de “força vital” (TILLICH, 2001, p. 60). A quantidade de vitalidade determina a capacidade de afirmar-se nos perigos: a diminuição da vitalidade diminui também a coragem ou autoafirmação; o aumento

da vitalidade aumenta a coragem. Portanto, argumenta que os afetados pela angústia patológica são carentes de vitalidade (TILLICH, 2001).

O argumento biológico da coragem ressalta que em termos de função protetora, o medo é mais efetivo que a angústia. Ao destacar a importância do conceito de vitalidade para a compreensão da autoafirmação biológica, afirma que a vitalidade está correlacionada com a “potência de vida”, a “intencionalidade” e o “direcionamento para conteúdos significativos” (TILLICH, 2001, p. 62). Tillich adverte que uma interpretação coerente da vitalidade não pode ser “meramente biológica” ou “meramente espiritual” (TILLICH, 2001, p. 63). Uma questão central para pensarmos o argumento biológico: “de onde se origina a coragem de ser”? (TILLICH, 2001, p. 64). Segundo os biólogos, a potência vital é um dom natural que faz parte do destino biológico. Esta perspectiva está de acordo com os antigos e medievais que pensavam a coragem como uma combinação de destino biológico e histórico. Outrossim, a visão trágica dos gregos antigos e a visão determinista do naturalismo moderno estão de acordo que a coragem de ser é matéria do destino. Diante dessas considerações, o teólogo conclui que não é possível uma educação que vise controlar ou obter a “autoafirmação a despeito de”, porque em termos religiosos a coragem de ser é matéria de graça (TILLICH, 2001, pp. 64,65).

Barros (2009 e 2020) e Andreia Luís (2011) descrevem coragem como um construto que deve ser exclusivo da psicologia e, em especial nas pesquisas da Psicologia Positiva⁸. Ambos os pesquisadores afirmam que a psicologia deve ter exclusividade sobre a temática da coragem e sugerem uma proposta de *pedagogia da coragem*. Andreia Luís pontua que “sendo a coragem uma parte importante do nosso modo de viver a vida e de lidarmos com os desafios e tensões que, inevitavelmente, a constituem, a existência e a necessidade de uma pedagogia da coragem impõe-se” (LUÍS, 2011, p. 20). Entretanto, a ontologia da coragem do teólogo Paul Tillich contrapõe as afirmações de Barros e Luís: primeiramente, porque a coragem é um construto que deve pertencer a todas as áreas de ciências humanas; e porque a ontologia tillichiana demons-

⁸ A Psicologia Positiva compreende e promove os fatores que permitem os indivíduos, comunidades e sociedades não só a resistir e a sobreviver mas, fundamentalmente, a prosperar (Barros, 2010a).

trou a impossibilidade de uma pedagogia da coragem, argumentando que a coragem depende do “destino biológico e histórico” (TILLICH, 2001, p. 64).

Considerações finais

Em nosso artigo procuramos apresentar brevemente as três primeiras preleções da obra *A Coragem de Ser*. A ontologia da angústia e coragem que o teólogo Paul Tillich nos apresenta é uma excelente contribuição para que áreas diferentes possam dialogar sobre um mesmo tema. A psicologia da profundidade, psicanálise e a biologia são integradas em sua análise filosófica e teológica. O trabalho intenso na primeira preleção *Ser e Coragem* nos revela que a coragem e a angústia são temas que sempre estiveram presentes na história ocidental. Os grandes pensadores ocidentais ofereceram materiais conceituais interessantes para pensarmos uma ontologia da coragem. Em sua segunda preleção *Ser, Não-Ser e Angústia* apresenta sua definição de “coragem” e “angústia”. Tillich entende que coragem é autoafirmação ôntica, moral e noética. Destaca que a angústia se manifesta em três formas diferentes, a angústia da morte, da culpa e da insignificação, nos conduzindo a uma reflexão existencial da experiência da “autoafirmação” a despeito da ameaça do não-ser, isto é, a negação do ser. Na terceira preleção *Angústia Patológica, Vitalidade e Coragem* apresenta problemas teóricos e soluções práticas para que o ser humano alcance a auto-afirmação plena. Nesse percurso o que intriga o teólogo é a fonte da coragem, isto é, aquilo que capacita o ser humano a incorporar a angústia existencial. Cumpre ressaltar a distinção que o teólogo faz da angústia existencial da angústia patológica. Sugere que uma ontologia a respeito do ser humano precisa ser elaborada em cooperação por diferentes áreas. Para o teólogo, a ontologia da angústia e coragem é um material teórico que deve nortear toda a prática do tratamento psicoterapêutico e aconselhamento das pessoas. Uma doutrina ontológica do homem exige uma interdisciplinaridade que sirva de suporte ao indivíduo na aceitação da angústia existencial e superação da angústia patológica.

Diante do exposto, elencamos cinco razões que evidenciam a perspectiva tillichiana como uma contribuição significativa à área *Ciências da Religião e Teologia*: a consideração de diferentes epistemológicas

e metodológicas em uma mesma discussão, visando um diagnóstico abrangente e soluções para os problemas psicológicos; a necessidade de um diálogo aberto entre a teologia e outros saberes, sem a rigidez de posições confessionais e dogmáticas; a possibilidade de concatenar a teologia e a psicologia em uma abordagem fenomenológica nas discussões sobre a estrutura da consciência e as questões existenciais; a importância de considerar as mudanças políticas, econômicas e científicas nas discussões teológicas e psicológicas, porque determinam as manifestações emocionais, morais, cognitivas, estéticas e religiosas; e as possibilidades teóricas e práticas na análise da experiência da angústia e coragem para teólogos, ministros, psicoterapeutas e psicólogos. Resaltamos que a ontologia da angústia tillichiana é um excelente material de apoio para a teoria psicoterapêutica da angústia, eliminando assim a confusão entre a angústia existencial e a angústia patológica. Desse modo, oferece aos sacerdotes, terapeutas e psicólogos a possibilidade de atuarem em cooperação e com mais eficácia na potencialização da autoafirmação do homem contemporâneo.

Referências

- AKIRA GOTO, Tommy. Fenomenologia e experiência religiosa em Paul Tillich. **Revista da Abordagem Gestáltica - XVII** (2): 137-142, jul-dez, 2011.
- BARROS, J. Coragem: um tópico importante, mas complexo. **Psicologia, Educação e Cultura**. [online]. v. 13, n. 2, p. 259-267, 2009.
- BARROS, J. Coragem: Um novo tópico da psicologia positiva. **Revista Portuguesa de Pedagogia**. [online]. v.44, n.2, p. 5-20, dez. 2010.
- DUMER, Pablo Fernando. A Coragem como elemento de cura ontológica. **Anais do Congresso Estadual de Teologia**. São Leopoldo: EST. v.2, p. 480-489, maio. 2015.
- DUMER, Pablo Fernando. **O ser humano entre a angústia e a coragem: uma antropologia teológica para a pós-modernidade**. São Leopoldo, 2017.129 f. Dissertação (Mestrado em Teologia) - Escola Superior de Teologia, São Leopoldo, 2017.
- FILORAMO, Giovanni; PRANDI, Carlo. **As ciências das religiões**. Tradução José Maria de Almeida. São Paulo: Paulus, 1999.

KELM, Thiago Rafael Englert. A coragem de “ser” no mundo do “ter”: contribuições de Paul Tillich para análise do ser humano na sociedade capitalista atual. **Revista Eletrônica Correlatio**. [online]. v.15, n.2, p. 171-188, dez. 2016.

LUÍS, Andreia Filipa Claro. **Coragem: um valor central da psicologia positiva**. Portugal/ Porto, 2011, 72 f. Dissertação (Mestrado em Psicologia) - F.P.C.E.U.P, Portugal/ Porto, 2011.

TILLICH, Paul. **A Coragem de Ser**. Tradução de Eglê Malheiros. 6 ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2001.

TILLICH, Paul. **Teologia sistemática**. Tradução de Getúlio Bertelli e Geraldo Korndörfer. 7 Ed. São Leopoldo: Sinodal, 2014.

Submetido em: 10-12-2022

Aceito em: 20-1-2022